

**Élder Jeffrey R. Holland,**  
Apóstolo do Salvador Jesus Cristo



# Como eu te amo?

Irmã Holland e eu estamos especialmente gratos por estarmos com vocês hoje, após o Dia dos Namorados, e no dia antes do aniversário da irmã Holland. Adivinhem o que está em minha mente! Adivinhem o que eu vou falar! Vejam que roteiro será. Sim, vou falar sobre o amor, porque Shakespeare me fez fazer isso. Vocês sabem, é o décimo quinto dia de fevereiro. Se fosse 15 de março, eu falaria sobre os idos de março. E todo mundo se lembra do que Brutus fez a Júlio César nos idos de março - e aconteceu que Marco Antonio voltou a Brutus na grande oração fúnebre, o mesmo Marco Antonio que deixou Cleópatra levá-lo para a viagem proverbial Nilo acima sem pá, por assim dizer. Não se importem que os idos de fevereiro foram de fato um dia antes de ontem. Eu certamente não vou deixar que isso me impeça de falar sobre amor, romance e casamento - um tema absolutamente alheio aos interesses dos que estão neste *campus* e pouco mencionado aqui este mês inteiro. Perdoem-me. Finjam que estão interessados - só porque a irmã Holland é minha namorada e é seu aniversário amanhã.

Sabem, ganhar a irmã Holland não foi de fato fácil. Eu me esforcei, me esforcei e me esforcei até finalmente ter coragem de pedir a mão dela. Em um cenário romântico, eu disse, tão suave e humildemente quanto possível: “Pat, você quer se casar comigo?”

Ao que ela disse: “Oh, querido, amado, querido, sim. Sim, sim, sim. Para quando definimos a data? Oh, temos que reservar o templo. Eu sei exatamente que cores quero para as damas de honra. Deveríamos fazer a recepção em ambiente fechado ou ao ar livre? E alguém

deve ficar perto do livro de visitas. E eu já posso visualizar o bolo que queremos e...”

Ela está olhando para mim?

Então ela parou no meio da frase e disse: “Oh, querido. Você está tão emocionado que ficou sem palavras. Fiquei aqui falando e falando... Você não gostaria de dizer algo nesta noite das noites?”

Ao que eu respondi: “Acho que falei demais já.”

Ela conta essa história me lembrando que, quando cheguei para o nosso primeiro encontro, seu irmãozinho gritou para ela: “Ei, navio sem rumo, sua luneta está aqui!”

Na verdade, nenhuma dessas histórias é verdadeira, mas quem sabe? Talvez vocês possam usá-las um dia, quando tiverem que falar na BYU sobre amor e casamento.

Agora, deixem-me falar sério. O que eu aprendi do amor romântico e da beleza do casamento eu aprendi com a irmã Holland. Tenho a honra de ser seu marido e estou feliz por vocês porque ela está neste *campus* novamente nesta manhã, mesmo que apenas por uma ou duas horas. Como eu disse uma vez sobre ela, parafraseando o que o Adão de Mark Twain disse à sua Eva: “Onde quer que ela estivesse, havia paraíso.”

Gostaria de falar com vocês esta manhã sobre o amor cristão e o que eu penso que ele pode e deve significar em suas amizades, em seu namoro, em um compromisso sério e, finalmente, no seu casamento.

Abordo o assunto sabendo muito bem que, como uma jovem recém-noiva me disse mês passado: “Há certamente uma série de conselhos

por aí!” Eu não quero acrescentar o desnecessário a esta retórica sobre o romance, mas acredito que, perdendo apenas para sua participação na Igreja, a sua “participação em um casamento” é a associação mais importante que você terá no tempo e na eternidade – e, aos fiéis, o que não vem no tempo *virá* na eternidade. Por isso, talvez todos vocês me perdoem por oferecer, sim, um pouco mais de conselhos. Mas eu gostaria que fosse conselho das Escrituras, conselho do evangelho. Conselho que, se quiserem, é tão básico para a vida como é para o amor – conselho que se aplica igualmente aos homens e às mulheres. Não tem nada a ver com as tendências ou marés do tempo e truques do comércio, mas tem tudo a ver com a verdade.

Portanto, gostaria de colocar as suas amizades e seus namoros e, finalmente, seus casamentos em um contexto escriturístico esta manhã e falar com vocês do que eu vou tentar comunicar como amor *verdadeiro*.

Depois de um longo e maravilhoso discurso sobre o tema da caridade, o sétimo capítulo de Morôni nos fala que a maior das virtudes cristãs está mais identificada como “o puro amor de Cristo”.

*“E permanece para sempre; e para todos os que a possuírem, no último dia tudo estará bem.*

*Portanto, (...) [Mórmon continua] rogai ao Pai, com toda a energia de vosso coração, que sejais cheios desse amor que ele concedeu a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; que vos torneis os filhos de Deus; que quando ele aparecer, sejamos como ele, porque o veremos como ele é; que tenhamos esta esperança; que sejamos purificados, como ele é puro. [Morôni 7: 47-48]”*

A verdadeira caridade, o absolutamente puro e perfeito amor de Cristo, foi realmente conhecida apenas uma vez neste mundo – sob a forma do próprio Cristo, o Filho vivo do Deus vivo. É o amor de Cristo que Mórmon usa para descrever para nós e que o Apóstolo Paulo fez tão bem, alguns anos antes, escrevendo aos Coríntios, nos tempos do Novo Testamento. Como em tudo, Cristo é o único que tem tudo

certo, que fez tudo perfeitamente, que amava do jeito que todos devemos tentar amar. Mas, mesmo que falhemos, aquele padrão divino está lá para nós. É uma meta que devemos tentar alcançar, continuar nos esforçando e, certamente, um objetivo para continuar apreciando.

E, como estamos falando disso, devo lhes lembrar, como Mórmon ensinava explicitamente, que este amor, esta habilidade, capacidade e reciprocidade que todos nós queremos tanto, é um dom. É “concedido” – esta é a palavra que Mórmon usa. Ele não vem sem esforço e não vem sem paciência, mas, como a própria salvação, no fim, é um dom, dado por Deus aos “verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo”. É o que diz. As soluções para os problemas da vida são sempre soluções do evangelho. Não são apenas *respostas* encontradas em Cristo, mas também é o poder, o dom, a doação, o milagre de dar e receber tais respostas. Nesta matéria de amor, nenhuma doutrina que eu conheça poderia ser mais encorajadora para nós do que esta.

Tomei como título para as minhas observações o maravilhoso verso da Sra. Browning “Como eu te amo?” (*Elizabeth Barrett Browning, Sonetos do Português [1850], pág. 43*). Não vou “contar as maneiras” esta manhã, mas estou impressionado com a escolha que ela fez do advérbio. Não é “QUANDO eu te amo?”, nem “ONDE eu te amo?”, nem “POR QUE eu te amo?”, nem “Por que você NÃO me ama?”, mas, sim, COMO. Como eu o demonstro? Como posso revelar meu verdadeiro amor por você? A Sra. Browning estava certa. O verdadeiro amor é o melhor revelado no “como”, e é com o “como” que Mórmon e Paulo mais nos ajudam mais.

O primeiro elemento do amor divino – o puro amor – ensinado por estes dois profetas é a sua bondade, sua qualidade altruísta, sua falta de ego e vaidade e consumo de egocentrismo. “A caridade é sofredora e é benigna e não é invejosa e não se ensoberbece; não busca os seus interesses” [Morôni 7:45]. Ouvi o Presidente Hinckley ensinar publicamente e em privado o que eu suponho que todos os líderes já

disseram: que a maioria dos problemas no amor e no casamento realmente começam com egoísmo. Ao traçar o amor ideal em que Cristo, o homem mais generoso que já viveu, é o grande exemplo, não é surpreendente que esse comentário bíblico comece aqui.

Há muitas qualidades que você vai querer procurar em um amigo ou em um namoro sério - isso sem falar em um cônjuge e companheiro(a) eterno(a). Mas, certamente, entre as primeiras e mais básicas destas qualidades estarão cuidado e sensibilidade para com os outros, um mínimo de egocentrismo que permita que a compaixão e a cortesia fiquem evidentes. “Esta melhor parte da vida de um bom homem [é] a sua bondade”, disse o Sr. William Wordsworth (*Lines Composed a Few Miles Above Tintern Abbey [1798], versos 33-35*). Há muitas limitações em todos nós que esperamos que nossos queridos relevem. Suponho que ninguém seja tão bonito ou tão bonita como deseja, ou tão brilhante na escola ou tão espirituoso no discurso ou tão rico como gostaríamos, mas em um mundo de variados talentos e sortes que nem sempre podemos controlar, penso que isso torna ainda mais atraentes as qualidades que podemos controlar - qualidades como atenção, paciência, uma palavra amável e verdadeiro prazer na realização de outro. Elas não nos custam *nada* e podem significar *tudo* a quem as recebe.

Eu gosto da linguagem de Mórmon e Paulo que usam para dizer que quem ama verdadeiramente não se “ensoberbecer”. Ensoberbecer-se é o mesmo que ficar inchado. Não é que uma grande imagem? Você nunca esteve com alguém que era tão vaidoso, tão cheio de si que parecia um boneco cheio de ar? Fred Allen disse uma vez que ele viu um sujeito andando na Pista dos Amantes segurando a própria mão. O verdadeiro amor floresce quando nos preocupamos mais com a outra pessoa do que o que nos preocupamos com nós mesmos. Esse é o exemplo da grande expiação de Cristo por nós e que deveria ficar mais evidente na bondade que demonstramos, no respeito que damos e no desprendimento e

cortesia que empregamos em nossos relacionamentos pessoais.

O amor é uma coisa frágil e alguns elementos da vida podem tentar quebrá-lo. Muito dano pode ser feito se não estivermos em mãos ternas e cuidadosas. Dar-nos totalmente a outra pessoa, como fazemos no casamento, é o passo mais confiante que tomamos em qualquer relacionamento humano. É um verdadeiro ato de fé - fé que todos nós devemos estar dispostos a exercer. Se fizermos isso direito, acabamos por partilhar tudo - todas as nossas esperanças, todos os nossos medos, todos os nossos sonhos, todas as nossas fraquezas e todas as nossas alegrias - com outra pessoa.

Nenhum namoro sério, noivado ou casamento é digno do nome se não investimos plenamente tudo o que temos nele e, ao fazê-lo, confiarmos nós mesmos totalmente àquele que amamos. Você não pode ter sucesso no amor se mantiver um pé atrás por motivos de segurança. A própria natureza do empreendimento requer que vocês seguem-se um no outro tão firme quanto puderem e saltem na piscina juntos. Nesse espírito, e no espírito do fundamento que Mórmon apresentou como amor puro, quero chamar-lhes a atenção do que vocês têm em mãos e que devem proteger: a vulnerabilidade e a delicadeza do futuro do seu parceiro - e isso vale tanto para homens quanto para mulheres.

Irmã Holland e eu somos casados há quase 37 anos, apenas uns seis anos a menos do *dobro* de tempo que vivemos um sem o outro. Posso não saber tudo sobre ela, mas sei o correspondente a 37 anos e ela sabe o mesmo tanto de mim. Sei do que ela gosta e do que não gosta, e ela sabe o mesmo de mim. Conheço seus gostos e interesses, esperanças e sonhos, e ela conhece os meus. À medida que nosso amor foi crescendo e nosso relacionamento amadurecendo, fomos ficando cada vez mais livres um com o outro em relação a tudo isso.

O resultado é que eu sei muito mais claramente agora como ajudá-la e, se eu me permitir, eu sei exatamente o que vai magoá-la. Na honestidade do nosso amor - o amor que não pode ser verdadeiramente cristão sem essa devoção total -, com certeza Deus vai me julgar

culpado por qualquer dor que eu lhe causar ao, intencionalmente, tirar partido dela ou magoá-la por saber que ela tem tamanha confiança em mim, tendo há muito tempo jogado fora qualquer autoproteção, a fim de que pudéssemos ser, como diz a Escritura, “uma só carne” (Gênesis 2:24). Prejudicá-la ou impedi-la, de *qualquer forma*, para o meu ganho, minha vaidade ou meu domínio emocional sobre os dela me desqualifica ao papel de seu marido. Na verdade, fazer isso destina minha alma miserável ao cárcere eterno naquele largo e espaçoso edifício que Leí ensina como sendo a prisão daqueles que vivem por “fantasias vãs” e pelo “orgulho do mundo” (1 Néfi 11:36, 12:18). Não é de admirar que o edifício está no extremo oposto do campo em relação à árvore da vida, que representa o amor de Deus! Em tudo o que Cristo era, ele *nunca* era invejoso ou inflado, nunca consumido com suas próprias necessidades. Em nem uma vez, *nunca*, Ele buscou Seu próprio benefício às custas de alguém. Ele deleitava-se na felicidade dos outros, a felicidade que Ele poderia levar às outras pessoas. Ele era sempre bondoso.

Em uma amizade ou namoro, não quero que vocês gastem sequer cinco minutos com alguém que lhes despreze, que lhes critique constantemente, que seja cruel com vocês e que ainda chame isso de humor. A vida é dura o suficiente já sem ter uma pessoa que, no lugar de amar você, está acabando com sua auto-estima, seu senso de dignidade, sua confiança e sua alegria. Aos cuidados da pessoa que diz amar você, você merece se sentir física e emocionalmente seguro.

Os membros da Primeira Presidência têm ensinado que “qualquer forma de abuso físico ou mental a qualquer mulher não é digno de qualquer portador do sacerdócio” e que nenhum homem “que porta o sacerdócio de Deus [deve] abusar de sua esposa de qualquer maneira, [ou] rebaixar, ferir ou tirar vantagem indevida de [qualquer outra] mulher” – o que inclui amigas, paqueras, namoradas, noivas e, claro, esposas (James E. Faust, “The Highest Place of Honor”, *Ensign*, maio de 1988, p. 37, e Gordon B. Hinckley,

“Reach Out in Love and Kindness”, *Ensign*, novembro de 1982, p. 77).

Se você está indo só para comer uma pizza ou para jogar um jogo de tênis, vá com alguém que lhe proporcione uma boa e limpa diversão. Mas se você tiver a intenção de ser sério, por favor, encontre alguém que incentive o melhor de você e que não tenha inveja do seu sucesso. Encontre alguém que sofra quando você sofre e que encontre felicidade na sua felicidade.

O segundo segmento deste sermão escriturístico sobre o amor em Morôni 7:45 diz que a verdadeira caridade – o amor verdadeiro – “não se irrita facilmente, não suspeita mal e não se regozija com a iniquidade”. Pensem em quantos argumentos poderiam ser evitados, quantos sentimentos feridos poderiam ser poupados, quantos ombros frios e tratamentos silenciosos poderiam chegar a um fim e, em um cenário de pior, quantas separações e divórcios poderiam ser evitados se não fôssemos assim tão facilmente irritáveis, se não pensássemos mal algum uns dos outros e se não só não nos alegrássemos com a iniquidade, mas também não nos alegrássemos mesmo com pequenos erros.

Birras não são bonitas nem mesmo em crianças. Em adultos, tornam-se desprezíveis, especialmente em adultos que deveriam se amar. Ficamos provocados muito facilmente. Temos a tendência de pensar que nosso parceiro teve a intenção de nos ferir, de nos fazer mal, por assim dizer. E, como defensiva ou como resposta egoísta, muitas vezes nos alegamos quando os vemos cometer um erro e os encontramos em falha. Vamos mostrar um pouco de disciplina neste ponto. Ajam com um pouco mais de maturidade. Mordam suas línguas, se preciso. “Melhor é o que tarda em irar-se do que o poderoso, e o que controla o seu ânimo do que aquele que toma uma cidade” (Provérbios 16:32). Pelo menos uma diferença entre um casamento tolerável e um casamento maravilhoso pode ser a vontade neste último de permitir que algumas coisas passem sem comentário, sem resposta.

Mencionei Shakespeare anteriormente. Em um discurso sobre amor e romance vocês devem

estar esperando uma referência a Romeu e Julieta. Mas me deixem fazer referência a uma história muito menos virtuosa. Com Romeu e Julieta, o desenlace foi um resultado de inocência que deu errado, uma espécie de triste e comovente erro entre duas famílias que deveriam ter sabido melhor. Mas, no conto de Otelo e Desdêmona, o sofrimento e a destruição são calculados, tudo conduzido com malícia desde o começo. De todos os vilões da obra de Shakespeare, e talvez de toda literatura, não há ninguém que eu deteste tanto quanto detesto Iago. Até mesmo seu nome soa mal para mim, ou pelo menos se tornou assim. E qual é o seu mal, na tragédia de Otelo, sua quase imperdoável susceptibilidade? É a violação de Morôni 7 e de 1 Coríntios 13. Entre outras coisas, eles procuravam pelo mal onde não existia, eles abraçaram uma iniquidade imaginária. Os vilões aqui não se alegraram com a verdade. Da inocente Desdêmona, Iago disse: “Transformarei em pez sua virtude, e com a própria bondade apresto a rede que há de a todos pegar” (*William Shakespeare, Otelo, ato II, cena III*). Semeando dúvida e sugestão diabólica, jogando com a inveja e falsidade e, finalmente, a raiva assassina, Iago provoca Otelo a tirar a vida de Desdêmona - virtude transformada em pez, bondade emaranhada em uma rede fatal.

Agora, ainda bem, aqui nesta manhã, não estamos falando de infidelidade, real ou imaginada, ou de homicídio, mas no espírito de uma educação universitária, vamos aprender as lições que estão sendo ensinadas. Pensem o melhor a respeito uns dos outros, especialmente daqueles que dizem amar. Aceitem o bem e duvidem do mal. Incentivem em si mesmos o que Abraham Lincoln chamou de “os melhores anjos da nossa natureza” (*Primeiro Discurso de Posse, 04 de março de 1861*). Otelo poderia ter se salvado, mesmo no último momento quando ele beijou Desdêmona e a pureza dela foi tão evidente. “O [beijo] quase a convencer chegaste a própria Justiça a espedaçar a sua espada!”, ele disse (*Ato V, cena II*). Bem, ele teria sido poupado da morte dela e em seguida do próprio suicídio, se tivesse quebrado o que ele considerava ser a espada da Justiça naquele momento e local, em vez de,

figurativamente falando, tê-la usado contra Desdêmona. Este trágico e triste conto elizabetano poderia ter tido um belo final feliz se apenas um homem, que depois influenciou outro, não tivesse pensado mal, não tivesse se alegrado com a injustiça, mas tivesse se regozijado com a verdade.

Em terceiro e último lugar, os profetas nos dizem que o verdadeiro amor “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:7). Mais uma vez, essa é uma descrição final do amor de Cristo. Ele é o grande exemplo de quem sofreu, creu, esperou e suportou. Somos convidados a fazer o mesmo em nosso namoro e nosso casamento com o melhor de nossa capacidade. Sejam resistentes e fortes. Tenham esperança e acreditem. Há algumas coisas na vida sobre as quais temos pouco ou nenhum controle. Estas têm de ser suportadas. Algumas decepções têm que ser vividas no amor e no casamento. Estas são coisas que ninguém quer na vida, mas às vezes eles vêm. E, quando elas vêm, temos que suportá-las, temos que acreditar, temos que ter esperança que tais sofrimentos e dificuldades irão acabar, temos que resistir até que as coisas corram bem no final.

Um dos grandes propósitos do verdadeiro amor é ajudar uns aos outros nestes tempos. Ninguém tem que enfrentar tais provações sozinho. Podemos suportar quase qualquer coisa se tivermos alguém ao nosso lado que nos ama verdadeiramente, que alivia o fardo e diminui a carga. A este respeito, um amigo da BYU, o professor Brent Barlow, contou-me há alguns anos sobre as marcações Plimsoll.

Quando era jovem na Inglaterra, Samuel Plimsoll era fascinado por observar os navios carregarem e descarregarem seus conteúdos. Em pouco tempo, ele notou que, independentemente do espaço de carga disponível, cada navio tinha a sua capacidade máxima. Se um navio excedesse seu limite, provavelmente afundaria no mar. Em 1868, Plimsoll entrou no Parlamento e decretou uma lei para os navios da marinha mercante que, entre outras coisas, regulamentava os cálculos de quanto um navio poderia transportar. Como resultado, linhas foram desenhadas sobre o



casco de cada navio na Inglaterra. À medida que o conteúdo era carregado, o cargueiro afundava mais e mais na água. Quando o nível de água do lado do navio atingia a marcação Plimsoll, considerava-se o navio cheio, independente de quanto espaço permanecesse. Como resultado, as mortes de ingleses no mar reduziram muito.

Assim como os navios, as pessoas têm diferentes capacidades em momentos diferentes, e mesmo em dias diferentes, de suas vidas. Em nossos relacionamentos, precisamos estabelecer nossa própria marcação Plimsoll e ajudar a identificá-la nas vidas daqueles que amamos. Juntos, precisamos monitorar os níveis de carga e ajudarmos a descarregar o peso extra ou, pelo menos, reajustar a carga, se virmos que nossos amados estão afundando. Então, quando o navio do amor estiver estabilizado, poderemos avaliar o que, a longo prazo, tem que continuar, o que pode ser adiado para outra ocasião e que pode ser posto fora de forma permanente. Amigos, namorados e cônjuges precisam ser capazes de monitorar o estresse um do outro e reconhecer as diferentes marés e estações da vida. Temos uma obrigação mútua de estabelecer alguns limites e, em seguida, ajudar a descartar algumas coisas, se a saúde emocional e a força do relacionamento amoroso estiverem em risco. Lembrem-se: o amor puro “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” e ajuda que seus entes queridos façam o mesmo.

Deixem-me encerrar. Nos testemunhos finais de Mórmon e de Paulo, eles declaram que “a caridade [puro amor] nunca falha” (Moroni 7:46, 1 Coríntios 13:8). Permanece ao sol e à sombra, na tristeza mais sombria e na luz. *Nunca falha*. Assim Cristo nos amou e é assim *como* Ele espera que nos amemos. Como uma última ordem para todos os Seus discípulos, em todos os tempos, Ele disse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, *como Eu vos amei a vós*” (João 13:34, grifo acrescentado). É claro que tal poder cristão de nos mantermos firmes no romance e no casamento exige mais do que qualquer um de nós realmente tem. Ele requer algo mais, uma investidura divina. Lembrem-se da promessa de Mórmon: que tal amor – o amor que cada um de nós anseia e a

que se apega – é “concedido” para os “verdadeiros seguidores do Cristo”. Você quer a capacidade e a segurança no namoro, no romance, na vida conjugal e para a eternidade? Seja um verdadeiro discípulo de Jesus. Seja um verdadeiro, comprometido, em palavra e em ação, Santo dos Últimos Dias. Acredite que sua fé tem tudo a ver com romance, porque, de fato, tem. Separar namoro de discipulado tem seu perigo. Ou, para a frase sair mais positiva, Jesus Cristo, a Luz do Mundo, é a única lâmpada pela qual você pode ver com sucesso o caminho de amor e felicidade para você e para seu amor. Como devo amar você? Como Ele ama, pois esta é a maneira que “nunca falha”. Presto testemunho e expresse meu amor por vocês e por Ele, no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo, amém.

*Discurso proferido na Brigham Young University,  
em 15/fev/2000.*

*Tradução e edição: Marília Magalhães Rodrigues  
([mariliamr@gmail.com](mailto:mariliamr@gmail.com))*

*Saiba mais: [www.mormon.org.br](http://www.mormon.org.br)*